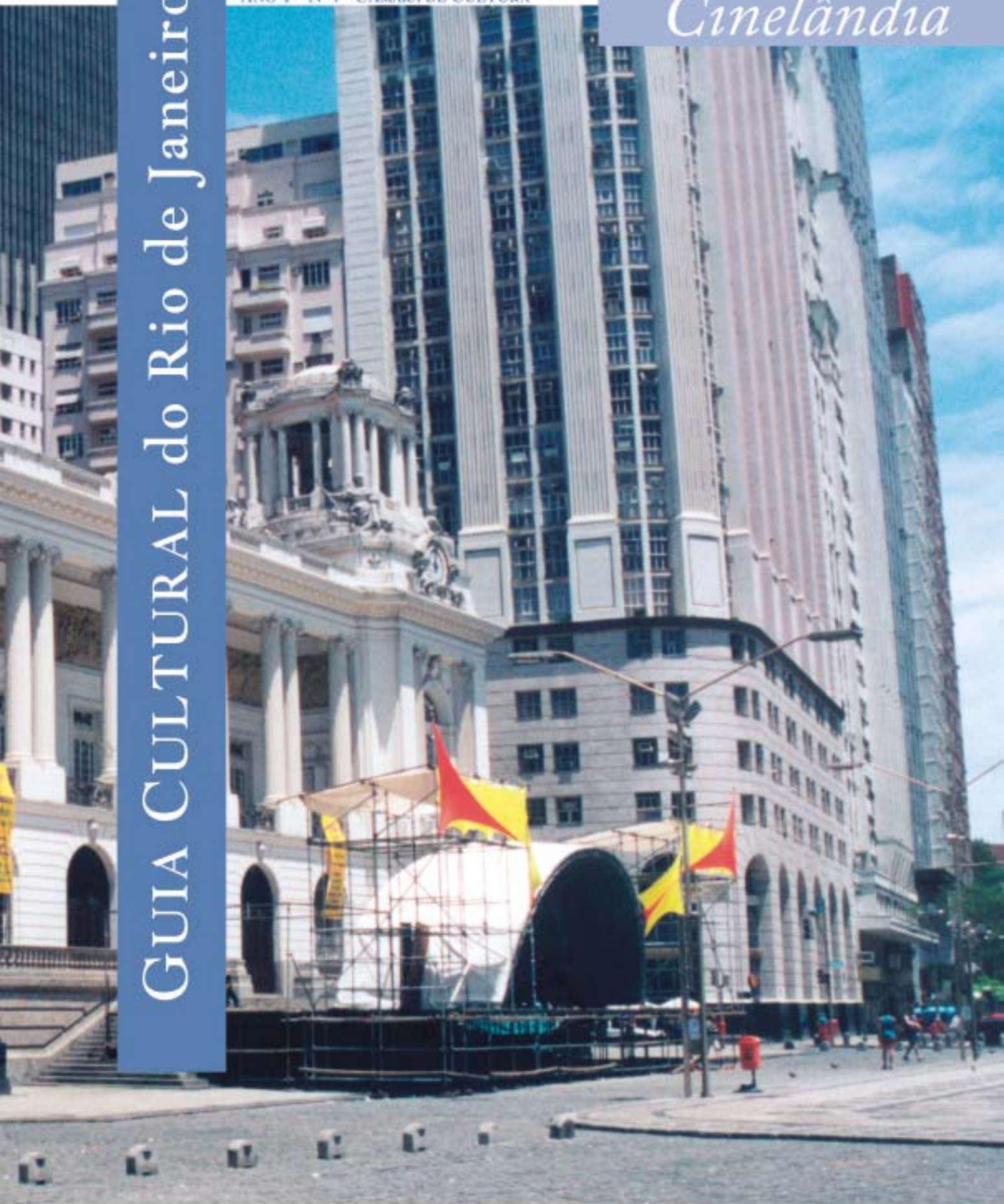


ANO I • Nº4 • CÂMARA DE CULTURA

Cinelândia

GUIA CULTURAL do Rio de Janeiro



Caros Leitores,

A Cinelândia possui um significado todo especial para o Rio de Janeiro e para o País. É evidente que um espaço compartilhado pelo Museu Nacional de Belas-Artes, pelo Theatro Municipal do Rio de Janeiro, pela Biblioteca Nacional e pelo Centro Cultural da Justiça Federal possui um imenso significado cultural.

Mas, na Cinelândia, também estão o Palácio Pedro Ernesto, o Amarelinho, o Odeon, o Cordão da Bola Preta e a própria praça, importante espaço de manifestações políticas e culturais. Lá também está o Obelisco, construído, à época, à beira-mar, para comemorar a abertura da Avenida Central.

Infelizmente já não temos o Palácio Monroe, cuja demolição, em 1975, continua a causar polêmica. Inaugurado em 1906, foi sede da Câmara dos Deputados de 1914 até 1922 e do Senado até a sua transferência para Brasília.

A Cinelândia hoje mistura diversos estilos arquitetônicos, desfigurados de sua concepção original, mas ainda importante, significativa e bela.

Nesta edição, o **Guia Cultural do Rio de Janeiro** não apenas retrata a Cinelândia como a reverencia. Palco de diversos movimentos sociais, culturais, políticos e, porque não, da boemia carioca, a Cinelândia é, definitivamente, um grande marco cultural do Rio de Janeiro.

A partir deste número, o **Guia Cultural do Rio de Janeiro** estará presente em diversos vôos nacionais da VARIG com destino ao Rio de Janeiro, visando motivar os visitantes a conhecer o que a ambiência cultural desta cidade tem de melhor. À VARIG os nossos agradecimentos pelo apoio e, principalmente, pela sensibilidade em compreender a importância de ampliar o alcance desta iniciativa cultural.

A **PETROBRAS**, ao anunciar no **Guia Cultural do Rio de Janeiro**, viabilizando sua edição e circulação, mais uma vez reafirma o seu compromisso para com a cultura nacional, iniciativa que em nome de nossos leitores agradecemos. Esperamos que outras empresas realmente compreendam a importância em apoiar iniciativas efetivamente culturais e que sejam destinadas ao grande público.

E, mais uma vez, agradecemos aos nossos leitores que acreditam, incentivam e apoiam o nosso trabalho, desejando a todos uma ótima leitura.

Regina Lima
Presidente
Câmara de Cultura

O Guia Cultural do Rio de Janeiro é uma publicação da Câmara de Cultura



Câmara de Cultura
Rua São José nº 90, 11º andar,
Grupo 1.106, Centro, RJ
CEP 20-010-020
Telefone (21) 2215 5515
Fax (21) 2215 8689
cultura@camaradecultura.org
www.camaradecultura.org

REGINA LIMA
Diretora Executiva

CARLOS MONTEIRO (MTB 3455/2001)
Editor e Jornalista Responsável

EDUARDO PEIXOTO / ANDREZA CONDÉ
Programação Visual

HENRIQUE CORTEZ
Fotógrafo

ADILSON DOS SANTOS
Revisor

Impressão: PRIME PRINTERS EDITORA
E GRÁFICA LTDA.

Tiragem: 10.000 exemplares

Editorial

Fazer esta edição do Guia Cultural do Rio de Janeiro foi tarefa das mais prazerosas. Conheço a Cinelândia há muitos anos e sou admirador daquele pedaço, onde o Rio é mais carioca. Tudo ali me remete a um tempo que sequer vivi. Aquele quadrilátero está impregnado da riquíssima história desta cidade que amo tanto e que um dia já foi Capital da República.

Caminhar pelas quatro ruas — Passeio, Rio Branco, Senador Dantas e Almirante Barroso — é voltar no tempo. A história está encravada ali. Nos prédios, nos bares, nos teatros e cinemas. Calçadas cheias e chope gelado. Na Cinelândia, as diferenças desaparecem. Os vários credos, as diferentes orientações sexuais e raças convivem harmonicamente. Lá não existem tribos. Todos são da mesma tribo. A tribo dos cariocas felizes.

Mas por trás dessa felicidade existe um lado que assusta e entristece quem passa por lá. Meninas ainda com peitinhos de pitomba, como diria Chico Buarque, e meninos imberbes, entregues ao deus-dará, se espraíam por todos os cantos. Furtos e drogas fazem parte do dia-a-dia do bairro. Há perigos na Cinelândia. Mas o que importa. A cidade inteira está cheia deles. O carioca tem a saborosa vocação de superar adversidades com alegria. E a Cinelândia é assim: um micro-cosmo fiel de nossa cidade.

Como na letra de um *funk*, ali, na Cinelândia, eu quero mesmo é ser feliz, andar tranqüilamente na Cidade em que nasci.

Carlos Monteiro
Editor

O Guia Cultural do Rio de Janeiro não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em matérias e artigos assinados.
Novembro de 2004.



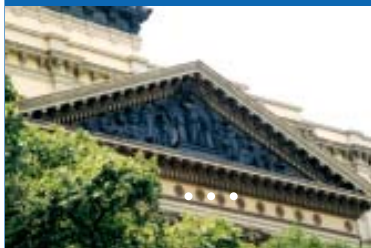
O Programa Petrobras Cultural ajuda as boas idéias a saírem daqui de dentro.

Estão abertas as inscrições para o Programa Petrobras Cultural, que todos os anos promove a arte brasileira através de seleções públicas de projetos culturais em várias áreas. Só no ano passado, o programa recebeu 3.736 projetos de todas as regiões do País. Este ano, o programa está destinando 61 milhões de reais a novos projetos que serão patrocinados em 2005. Não deixe sua idéia na gaveta. Conheça o regulamento e inscreva seu projeto no site www.petrobras.com.br.

Índice

5 Teatro Rival

...



Biblioteca Nacional

8 Museu Nacional de Belas-Artes



Theatro Municipal

12 Centro Cultural
Justiça Federal

Crônicas 16

...

18 Agenda Cultural

Câmara de Cultura

Caros Leitores,

Se Ipanema e Leblon têm o metro quadrado mais caro do Rio, a Cinelândia, sem dúvida, tem o metro quadrado mais culto da cidade. No quadrilátero formado pelas ruas do Passeio, Almirante Barroso, Rio Branco e Senador Dantas o carioca respira arte. Dos suntuosos prédios do Theatro Municipal, da Biblioteca Nacional e do Museu Nacional de Belas-Artes, passando pelo descontraído salão da Cordão da Bola Preta, até a efervescência política, e os bares lotados, tudo está ali.

Essa vocação cultural vem de muito longe. Ainda na época dos bondes, o povo vinha de toda parte da cidade para se encontrar na Cinelândia. Lugar dos melhores e mais modernos cinemas do Rio, que acabou por dar nome ao bairro. Mas, durante o século XIX, quem dava as cartas da cultura era a Rua do Ouvidor. Somente no começo do século passado é que o famoso quadrilátero começou a ocupar o posto de capital cultural da cidade. Isso graças à visão empreendedora de Francisco Serrador, que transferiu para lá os principais cafés e confeitarias da cidade.

A integração dos símbolos culturais republicanos da época de Pereira Passos, como o Theatro Municipal, a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas-Artes, com os empreendimentos de Serrador, foi fundamental para transformar a Cinelândia no coração cultural do Rio de Janeiro. Ela passou, então, a ser o principal palco de toda e qualquer manifestação político-cultural. Tudo que ocorria e ocorre neste lugar ganha outra dimensão.

As escolas de samba, por exemplo, surgem para o grande público no início da década de 30, desfilando na Praça XI. Mas elas almejavam mesmo era alcançar o altar-mor do carnaval carioca: a Cinelândia, onde os Ranchos e as Grandes Sociedades já marcavam época, desde a inauguração da Avenida Central, hoje Rio Branco. Só em 1957 é que as escolas conseguiram seu intento. E, nos primeiros quatro anos de desfile, deu água na cabeça. A Portela foi tetracampeã. Depois, só voltou a conquistar um título em 62, no último desfile feito na Cinelândia. E foi no quadrilátero mais famoso do Rio que as escolas de samba se consolidaram como a maior atração do carnaval carioca.

Seis anos mais tarde, a praça entraria definitivamente para a história política do País. Em 1968, artistas, jovens universitários e a intelectualidade carioca se uniram em uma manifestação que seria o marco da luta contra a ditadura militar: a Passeata dos Cem Mil. Depois de percorrer toda a Avenida Rio Branco, a manifestação terminou na Cinelândia, com discursos inflamados. Mas, antes disso, o local já havia sido palco de inúmeras atividades políticas. O que o transformou em uma espécie de território livre da luta pela democracia. Foi assim durante a campanha por eleições diretas e pelo *impeachment* do ex-Presidente Fernando Collor, só para citar dois exemplos da nossa história recente.

A Cinelândia também abrigou, e ainda abriga, atores de suma importância para a vida política brasileira. De 1924 a 1927 a Câmara dos Deputados funcionava dentro da Biblioteca Nacional. Entre 1925 e 1960, o Palácio Monroe, já demolido, foi sede do Senado Federal. E, desde 1922, a Câmara dos Vereadores ocupa o Palácio Pedro Ernesto, também, como os anteriores, localizado na Cinelândia.

Tradição, democracia, arte, cultura e irreverência. Essas quatro palavras definem muito bem a Cinelândia, patrimônio do povo brasileiro e do carioca em particular.

Carlos Monteiro
Vice-Presidente
Câmara de Cultura

Rival

TEATRO

O Teatro Rival, que no dia 22 de março deste ano completou 70, nasceu destinado ao sucesso. Em 1934, ele abria suas portas pela primeira vez ao público. Em cartaz, *Amor*, de Oduvaldo Vianna, encenada pela própria companhia do dramaturgo. A obra ficou três meses em cartaz, provando que a escolha havia sido certa. Foram nada mais, nada menos, do que 200 apresentações, com elogios da crítica especializada.

Daí em diante, o Rival passou a ser uma espécie de bastião da resistência cultural brasileira, e carioca em especial. De 1936 a 1953, grandes companhias fizeram temporadas inesquecíveis em seus palcos. Desde então, tudo o que de melhor se produzia em matéria de teatro tinha de passar por aquele palco.

Desgastado pelo decorrer dos anos, o Rival passou por uma profunda reforma, reabrindo as suas portas em 1975. Só

que, agora, fora transformado em Café Concerto, com mesas e capacidade para 450 pessoas. Em 1992, a atriz Ângela Leal, então presidente da Associação dos Amigos da Cinelândia, passa a dirigir a casa de espetáculos. Mantendo a tradição de ser porta-voz da resistência da cultura nacional, o teatro envereda no campo da música. Nesses 12 anos, quase todos os intérpretes da MPB, assim como os novos valores da nossa música, por lá passaram.

Como se não bastassem os *shows* memoráveis de nossos astros, muitos desses artistas gravaram ao vivo ou lançaram seus CDs no palco do Rival. Nas noites de *shows* a Rua Alcindo Guanabara, onde está localizado, transforma-se em uma autêntica passarela. Não é nada incomum ver as estrelas dos espetáculos saboreando uma deliciosa batida ou um chope geladinho no Bar e Botiquim Carlitos, que fica em frente ao teatro.



Biblioteca Nacional

Imagem parcial da fachada da Biblioteca Nacional, com clara inspiração neoclássica

O prédio que hoje abriga a Biblioteca Nacional, que mistura elementos neoclássicos e *art-nouveau*, projetado pelo engenheiro Francisco Marcelino de Souza Aguiar, foi inaugurado em 29 de outubro de 1910. Porém, sua história começou bem antes. O ponto

de partida da oitava maior biblioteca do mundo data de primeiro de novembro de 1755, quando Lisboa foi sacudida por um violento terremoto, que acabou destruindo a Real Biblioteca, também conhecida como Real Livraria.

Como era grande o interesse dos soberanos da Terrinha pelos livros, a corte determinou a recomposição imediata da Real Biblioteca como uma tarefa emergencial, após o terrível abalo sísmico. Embora



poucos, os livros que sobraram eram preciosos. Por isso, uma nova biblioteca passou a ser organizada na Rua da Ajuda, na capital portuguesa. Em 1807, a Real Biblioteca da Ajuda reunia aproximadamente umas 60 mil peças, entre livros, manuscritos, gravuras, mapas, moedas e medalhas. A partir de

1808, todo este acervo começaria a ser trazido para o Brasil, com a transferência da Família Real para cá, que fugia das tropas de Napoleão.

Inicialmente, a biblioteca foi acomodada no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, localizado na rua de mesmo nome. O local foi considerado inadequado para abrigar tão valioso tesouro e, no dia 29 de outubro de 1810, data atribuída à fundação oficial da Biblioteca Nacional, o príncipe regente determinou a construção de um novo prédio para acomodá-la no local que havia servido de catacumba para os religiosos do Carmo. Mas a transferência do acervo só se concretizaria em 1813. Um ano depois foi que, finalmente, o povo pôde ter acesso a tão importante material artístico e cultural.

O acervo da biblioteca não parava de crescer. Tanto que em 1822, após a independência, o Império do Brasil pagou 800 contos de réis para que ela continuasse por aqui. Ela passou a se chamar, então, Biblioteca Imperial e Pública da Corte. De tão grande em volume de itens, a biblioteca foi transferida mais uma vez e foi ocupar o número 60 da Rua do Passeio, no mesmo prédio onde hoje funciona a escola de música da UFRJ.

O crescimento contínuo exigiu a construção de um novo prédio para melhor abrigar as coleções da BN. O Presidente Rodrigues Alves assim o fez. No dia 15 de agosto de 1905 ele lançou a pedra fundamental do projeto idealizado pelo engenheiro Francisco Marcelino de Souza Aguiar. Misturando ornamentos de artistas como Visconti, Henrique e Rodolfo Benardelli, Modesto Brocos e Rodolfo Amoedo, o projeto só foi concluído cinco anos depois, no governo de Nilo Peçanha. Assim, no dia 29 de outubro de 1910 foi inaugurado o prédio da Biblioteca Nacional, que até hoje enche de orgulho a todos que passam na Cinelândia.

Em 1990 a BN foi transformada em fundação de direito público, vinculada ao Ministério da Cultura, e absorveu parte das atribuições do Instituto Nacional do Livro, extinto naquele ano. Como centro de informações bibliográficas e documentais, atua como biblioteca sem fronteiras, tornando seu acervo disponível a pesquisadores do Brasil e do exterior. Em seu prédio-sede, atende a cerca de 15 mil usuários por mês.

Sem dúvida, mais do que motivo de orgulho, a Biblioteca Nacional é um patrimônio da humanidade. Vida longa à BN.

Museu Nacional de Belas-Artes

A Cinelândia, definitivamente, sabe misturar o clássico e o popular. E a parcela erudita deste lugar está muito bem representada pelo Museu Nacional de Belas-Artes. Criado pela Lei nº 378 de janeiro de 1937 e inaugurado no dia 19 de agosto do ano seguinte, o MNBA possuiu a maior coleção de arte do século XIX. Ele, desde sua criação, instalou-se no prédio da Escola Nacional de Belas-Artes. De estilo *fin-de-*

Fachada do Museu Nacional de Belas-Artes, em processo de restauração e modernização com apoio do BNDES, da CEF e da PETROBRAS



siècle, com algumas características neoclássicas, este prédio, localizado na Avenida Rio Branco, 199, foi projetado por Adolfo Morales de Los Rios, um dos mestres da Escola Nacional de Belas-Artes.

Assim como a da Biblioteca Nacional, a história do MNBA começou bem antes de sua fundação. Ela teve origem em 1816, quando Joachim Lebreton, chefe da Missão Artística Francesa, chegou ao Brasil. Na bagagem, trouxe sua pequena coleção de quadros e resolveu doá-la ao Império do Brasil. Esse acervo cresceu, e muito. Entre pinturas, esculturas, arte sobre papel e mobiliário, o Museu Nacional de Belas-Artes possui 15 mil peças, dispendo da história completa das artes plásticas do Brasil, desde quando ainda engatinhávamos nessa manifestação artística até os dias atuais. Vitor Meirelles, Pedro Américo, Almeida Júnior, Rodolfo Amoedo, Zeferino da Costa, Rodolfo Bernardelli e Eliseu Visconti, entre outros grandes nomes da pintura brasileira do século passado, estão eternizados nas galerias do museu.

Mas nem só de Brasil é feita a exuberância artística do acervo do Museu Nacional de Belas-Artes. Valiosos artistas estrangeiros se fazem presente. As 20 paisagens do pintor pré-

impressionista francês Louis-Eugène Boudin, as oito exuberantes paisagens de Pernambuco do pintor holandês do século XIX Frans Post também estão lá. Além delas, inúmeros trabalhos de mestres franceses e italianos dos séculos XVII, XVIII e XIX fazem parte do acervo do MNBA.

Juntamente com os estrangeiros, grandes nomes da pintura moderna brasileira têm seus trabalhos expostos nos grandes salões do museu. Quem quiser ver quadros de Portinari, Di Cavalcanti, Djanira, Tarsila do Amaral, Goeldi, Cícero Dias, Iberê Camargo e muitos outros basta dar uma chega-dinha até a Cinelândia.

A Galeria Nacional do século XIX tem dois mil metros quadrados de área e oito metros de pé-direito. É justamente este espaço que abriga um dos orgulhos do Museu Nacional de Belas-Artes: acervo brasileiro dos séculos XVII, XVIII e XIX. É exatamente nesta galeria que se encontram os monumentais *Batalha do Avaí*, de Pedro Américo, e *Batalha dos Guararapes*, de Vitor Meireles. Com 50 metros de área cada um deles, as obras estão incluídas entre as quatro maiores pinturas de cavalete do mundo. Quem visitar a Galeria Nacional do Século XIX, que conta com cerca de 200 trabalhos, entre pinturas e

esculturas, fará uma viagem por toda história da produção artística brasileira.

No andar térreo do museu, o jardim do pátio externo com assinatura de Burle Marx e o grande painel de azulejos de Djanira dão um toque todo especial ao local, que esbanja brasilidade. É lá que estão a arte indígena, feita antes do descobrimento, e a africana. Já no segundo andar, barroco italiano e sala para exposições temporárias. Mas é no terceiro piso que está a maior parte do acervo do MNBA. Dividindo este pavimento com a Galeria Nacional do Século XIX está a Galeria Nacional do Século XX, com as produções dos artistas plásticos modernos. Um andar acima, no quarto pavimento, a Galeria do Século XXI, com a produção contemporânea.

Além de quadros, esculturas e gravuras, o Museu Nacional de Belas-Artes também conta com uma biblioteca. Com cerca de 13 mil títulos, ela se restringe basicamente a assuntos como artes plásticas, arquitetura, museologia, história do Brasil e da Cidade do Rio de Janeiro e também tem um bom número de biografia de artistas plásticos brasileiros. A parte audiovisual tem aproximadamente 12 mil *slides*, 50 vídeos e umas 500 fitas casetes com a gravação de palestras e depoimentos.



Theatro Municipal

Se for feita uma lista com os dez mais bonitos prédios da cidade, entre os cariocas, com certeza, em praticamente toda ela, constará o nome do Theatro Municipal — assim mesmo, com h, bem de acordo com o português da época de sua inauguração. Entregue ao público em 14 de julho de 1909, o teatro é a principal casa de espetáculos do Brasil.

Inspirado na Ópera de Paris, o projeto arquitetônico foi concebido por Francisco Oliveira

Passos com a colaboração de Albert Guilbert. A idéia da construção do Theatro Municipal partiu de Pereira Passos, então prefeito da Cidade do Rio de Janeiro. Passos pensou em criar um teatro que fosse a jóia rara do processo de transformação urbanística a que foi submetido o Rio, no início do século passado.

Para se ter uma idéia do requinte da construção, todo o material nela utilizado foi importado da Europa. Exuberante, o Municipal, como é chamado pelo povo do Rio de Janeiro, conta, na sua estrutura, com mármore de carrara, ônix, bronze, cristais, espelhos também de cristais, mosaicos

e vitrais, entre outros materiais. Assim como estes elementos, toda a maquinaria de palco também foi importada do Velho Continente. A exemplo do que ocorreu na Biblioteca Nacional, os artistas Eliseu Visconti, Rodolfo Amoedo e Rodolfo Bernardelli também criaram as esculturas e pinturas que ornamentam a sala de espetáculos, a fachada e as áreas de circulação do teatro.

Nas duas primeiras décadas, o Municipal era um teatro destinado quase que exclusivamente a companhias estrangeiras, vindas, principalmente, da Itália e da França. Somente a partir de 1930 é que ele começou a ter seus próprios corpos



artísticos. A orquestra, o coro e o balé passaram a ser formados por brasileiros. Motivo de orgulho, o Municipal é a única instituição cultural brasileira a manter simultaneamente um coro, uma orquestra sinfônica e uma companhia de balé.

Transformado em fundação, o Theatro Municipal, hoje administrado pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, já passou por diversas reformas e restaurações. A principal delas ocorreu em

1934. Com o crescimento populacional da cidade, a capacidade da casa de espetáculos precisou ser ampliada. Foi então que o Prefeito Pedro Ernesto convocou Roberto Doyle Maia para executá-la. Além da ampliação da boca de cena, mais 466 lugares foram criados. Além disso, 23 telefones foram instalados, assim como um novo sistema de ar-condicionado e uma nova instalação de combate a incêndio.

Em 1941, uma nova reforma. Embora menor, ela também foi de grande importância para a preservação deste monumento histórico e arquitetônico. Ele ganhou uma nova pintura e poltronas, dois elevadores e um novo assoalho para a instalação de frisas e *foyer*. As

baterias elétricas e as instalações de luz e força também foram substituídas.

A primeira obra de restauração do teatro ocorreu de 1976 a 1978. Com a intenção de torná-lo mais moderno, sem perder as suas características históricas e arquitetônicas de seu projeto original, todas as esquadrias, portas e janelas foram restauradas. A parte externa do teatro foi lavada com produtos químicos neutros, que lhe devolveram a coloração original, desbotada pelo efeito dos anos e da poluição. Ainda durante este processo de restauração, o palco ganhou um elevador monta-cargas para cenários, uma sala de afinação e aquecimento, e um sistema de isolamento acústico.

Acima, detalhe da fachada do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Abaixo, Theatro Municipal do Rio de Janeiro.



Centro Cultural Justiça Federal

Autor de 21 projetos para a Avenida Central, a atual Avenida Rio Branco, foi Adolfo Morales de Los Rios quem idealizou o prédio que por 50 anos foi a sede do Supremo Tribunal. De estilo eclético, o edifício, que hoje abriga o Centro Cultural Justiça Federal, foi um dos marcos das obras do Prefeito Pereira Passos. Inaugurado em 1909, depois da transferência da capital federal para Brasília, ele passou a ser a sede do Tribunal de Alçada do Rio de Janeiro. Em 1973, é ocupado pela Justiça Federal e pela Procuradoria da República.

Interditado em 1988, sob risco de desabamento, uma vez que as estruturas de madeira estavam infestadas de cupins, só em 1994 é que foram iniciadas as obras de restauração do edifício. Isso porque havia duas correntes de pensamento entre os magistrados. A primeira defendia a demolição do prédio histórico para erguer um novo em seu lugar, já que a Justiça Federal precisava de novas acomodações. A segunda corrente preferia a restauração para transformar o prédio em museu do Judiciário. Após intenso debate, a idéia da restauração venceu e, em vez de



museu, a construção passou a abrigar o Centro Cultural Justiça Federal, inaugurado em 4 de abril de 2001. E a empreitada não foi nada fácil, uma vez que este projeto é considerado a maior obra de restauração da América Latina.

Mas valeu esperar tanto tempo. Importante representante da arquitetura eclética, predominante no Brasil do século passado, o prédio encanta os visitantes com suas portas talhadas em madeira pelo português Manoel Ferreira

Visão parcial da fachada do Centro Cultural Justiça Federal, em foto de João Coelho

Tunes, um dos principais artistas da época, com a escadaria em mármore de carrara e ferro trabalhado, vindos da Escócia, com os dois torreões gêmeos no telhado, com os alto-relevos, com os vitrais e com as pinturas decorativas.

A sala de sessões é um capítulo à parte. Os vitrais retratam a deusa grega Têmis, que personifica a Lei Eterna ou Divi-

na. A ela é atribuída a invenção dos oráculos, dos ritos e das leis. Outros vitrais que deixam os visitantes boquiabertos por sua riqueza de detalhes são os de Justiniano e de John Marshall. Imperador da Roma Oriental, em 395 d.C., Justiniano é o pai do que se pode chamar de o Direito Romano propriamente dito. Já Marshall, que aos 20 anos ingressou no exército de George Washington, para lutar como tenente na guerra da independência americana, estabeleceu os princípios básicos do direito constitucional americano, como o da separação dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Além de tamanha suntuosidade, o Centro Cultural Justiça Federal prima pela excelência em sua programação. Quem estiver ali pelas bandas da Cinelândia não pode deixar de dar uma passadinha por lá. Nem que seja para conferir apenas a beleza do local e, de quebra, conhecer um pouquinho mais da história de nossa arquitetura eclética, tão comum no século passado.

Entrevista

Dr. Paulo Freitas Barata DIRETOR GERAL DO CCJF

Paraense de Belém, o desembargador Paulo Freitas Barata é o diretor geral do Centro Cultural da Justiça Federal. Magistrado desde 1974, ele foi um dos mais atuantes na discussão sobre o que seria feito com o prédio da Justiça Federal, interditado em 1988. Juntamente com outros companheiros de magistratura, acabou por vencer a disputa interna e, em vez da demolição do prédio nº 241 da Avenida Rio Branco, transformou o suntuoso edifício em centro cultural. “Nossa intenção é integrar ainda mais o Poder Judiciário à sociedade, através da cultura”, revela o desembargador, em entrevista exclusiva ao *Guia Cultural do Rio de Janeiro*.

Além de abrir as portas do Judiciário para o povo, Paulo Freitas Barata busca também atuar de forma integrada com “os vizinhos ilustres” — Theatro Municipal, Biblioteca Nacional e Museu Nacional de Belas-Artes. Preocupado com a degradação social e urbanística da Cinelândia, espera contar com a colaboração do poder público para que ocorra um processo de revitalização do local. Além disso, acabou de fechar uma parceria com a UniverCidade e a ONG Círculo dos Amigos do Menino Patrulheiro, cujo objetivo é transformar meninos de rua em guias culturais.

Dr. Paulo Barata, Diretor Geral do Centro Cultural Justiça Federal, em foto de Glória Horta



Guia Cultural — Como surgiu a idéia e quais as dificuldades encontradas para transformar o prédio da Justiça Federal em um centro cultural?

Paulo Barata — Primeiro, demoramos um tempo para decidir o que seria feito com o prédio, que estava totalmente deteriorado. Um grupo de magistrados queria a demolição para construir um prédio novo, com o intuito de abrigar a Justiça. Outro grupo, no qual me incluía, optava pela restauração. Inicialmente, pensávamos em criar um museu neste espaço. Com o passar do tempo amadurecemos a idéia de transformá-lo em um centro cultural, vivo e dinâmico, buscando a inclusão social e integrar o Poder Judiciário com a sociedade.

GC — Como se chegou a este formato de centro cultural?

PB — Eu ainda era presidente do tribunal quando apresentei os primeiros projetos, através do Conselho da Justiça Federal, em Brasília. Foi aí que fixamos a idéia da res-

tauração. Depois, na gestão da doutora Julieta Lídia Lunz, foi conseguido o patrocínio da Caixa Econômica Federal, que entrou com os recursos. Já a coordenação do processo de restauração ficou a cargo da Fundação Herbert Lévy. Na terceira fase, já com a restauração quase toda pronta, é que o prédio foi inaugurado.

GC — Como assim com a restauração quase concluída? O prédio ainda não está pronto?

PB — A grande parte da restauração, é claro, já foi toda terminada. Mas ainda faltam pequenos detalhes, alguns retoques, digamos.

GC — Qual foi a maior dificuldade encontrada pelo senhor para concluir o projeto do Centro Cultural Justiça Federal?

PB — Primeiro, o projeto ainda não está concluído. Estamos satisfeitos com os resultados obtidos até agora, mas ainda estamos buscando o melhor caminho. Mas, sem dúvida, a maior dificuldade foi fixar a idéia de que havia um

novo centro cultural. Foi difícil torná-lo presente na mídia e nas rodas de cultura. Tínhamos de deixar claro que não se tratava de uma aventura. Felizmente, hoje, acreditamos que já estamos inseridos no contexto da vida cultural da cidade.

GC — Como o senhor vê a atual cena cultural brasileira?

PB — Vejo que existe um interesse muito grande da sociedade nas atividades artísticas e culturais. Muitas pessoas nos procuram querendo executar os seus projetos. Só que nós não podemos atender a todas elas. Além da falta de recursos, falta também espaço. A nossa agenda, felizmente, está lotada.

GC — Já que não há recursos e nem espaço, de que maneira o Centro Cultural Justiça Federal pode ajudar essas pessoas?

PB — Na semana passada, realizamos aqui um seminário sobre as leis de incentivo à cultura. Foi a maneira que encon-

tramos para ajudá-las. As pessoas precisam saber onde e como conseguir recursos, já que as leis brasileiras lhes dão essa possibilidade.

GC — Na sua opinião, quais os pontos positivos e negativos da Cinelândia?

PB — *A Cinelândia é um lugar ótimo, com tradição boêmia e cultural. É o coração do centro da Cidade do Rio de Janeiro. E, além de perto da saída do Metrô, estamos cercados de vizinhos ilustres, como o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas-Artes. Mas o local precisa ser revitalizado. Aqui, temos um sério problema de segurança pública. A praça está cheia de menores abandonados, cheirando cola. A praça está feia.*

GC — Mas com tantos vizinhos ilustres, como o senhor mesmo disse, não era para ser diferente?

PB — *A idéia que ainda estamos tentando viabilizar é a de atuarmos conjuntamente com as*

outras instituições culturais aqui da Cinelândia. Queremos realizar atividades coordenadas, ações conjuntas, com horários compatíveis para que a pessoa venha para cá e possa passar o dia inteiro. Mas, para isso, precisamos que o bairro seja revitalizado, com restaurantes requintados e nova urbanização. A Cinelândia tem um aspecto parisiense que poderia ser mais bem explorado. Isso seria maravilhoso para a cidade. Temos de transformar esse espaço em um organismo vivo.

GC — O senhor tocou em um tema que aflige a todos os brasileiros, que é a questão dos menores abandonados. Existe algum projeto do Centro Cultural Justiça Federal para tentar contribuir com a melhoria das condições de vida dessas crianças e adolescentes?

PB — *Quando pensamos em criar o centro cultural, idealizamos que ele seria pautado, também, em ações sociais. Por isso, firmamos uma parceria com a Vara da Infância e da Juventude,*

Uni-verCidade e a ONG Círculo dos Amigos do Menino Patrulheiro (Camp). A idéia é transformar, a partir do ano que vem, menores em guias culturais. Eles serão responsáveis por acompanhar os nossos visitantes, contando a história do prédio. Depois, a nossa idéia é entrar em contato com os nossos vizinhos ilustres e estender este trabalho social até eles.

GC — De que maneira esses menores serão retirados das ruas?

PB — *Da seguinte forma: a Vara da Infância e da Juventude encaminha esses menores até o Camp, que dá o treinamento necessário. Depois, eles serão conduzidos aqui para o centro cultural e começarão a desenvolver a atividade de guias. Os que demonstrarem interesse a UniverCidade se compromete a dar bolsas de estudo. Posteriormente, queremos dar cursos de profissões ligadas à arte, como técnico de iluminação, por exemplo, aqui mesmo no Centro Cultural.*

Cinelândia

CRÔNICAS

A década de 80 mal come çara e eu, saindo da adolescência, ficava encantado com a conversa do meu pai com meus tios, sobre as noites de alegria que eles passaram na Cinelândia. Imaginava ser um lugar repleto de cinemas, é lógico, e mais nada. Aos poucos, fui descobrindo que aquele lugar era mais. Tinha um encanto, uma certa magia, que transcendia o mundo dos pobres mortais. “Os bares na Cinelândia não fechavam”, dizia um velho tio, na verdade tio de meu pai, com aquele bigodinho fininho, bem comum aos ma-

Obelisco, com o Monumento aos Pracinhas e o Pão de Açúcar ao fundo. O Obelisco, construído em 1906 para comemorar a abertura da Avenida Central. Antes dos sucessivos aterros da Baía da Guanabara ele esteve a beira mar.

*Monumento ao Marechal Floriano Peixoto,
com o Theatro Municipal ao fundo*



landros das décadas de 40 e 50.

Eu, garoto curioso, cheio de idéias e ideais, ansiava pelo dia de poder conhecer aquele lugar com jeito de paraíso. Lembro direitinho a primeira vez que ali cheguei. Tinha eu uns 19, 20 anos. O destino foi o bar Amarelinho. Começava a dar os primeiros passos na política. Um amigo, mais experiente — já dava até aulas particulares para alunos do Segundo Grau, como era chamado o Ensino Médio naquela época —, foi logo se apressando em dizer: “é aqui que fazemos a verdadeira política”.

Estranhei que coisa tão séria se fizesse assim, na calçada, entre goles de chope e petiscos. A ditadura ainda dava o ar de sua (des) graça. E assim a noite foi passando, com ar de morena marota, que encanta. A madrugada chegou. “Como voltar para casa, no longínquo subúrbio?”, perguntei. “É fácil”, respondeu de bate-pronto um outro amigo, vizinho de bairro. “Tem um ônibus que faz ponto final aqui pertinho, logo ali, na Rua do Passeio.”

Os tempos eram outros, de

pouca violência. As mães podiam dormir tranquilas enquanto seus filhos descobriam o mundo, a noite e seus mistérios. Antes de entrar no ônibus, um cachorro-quente. O dinheiro era curto e mal dava para dividir uma *pizza*. Jovens, economizávamos na comida para tomar uns goles a mais. Dentro do ônibus, a cabeça era só sonhos e mais nada. O medo era apenas o de acabar por não conseguir mudar o mundo.

Veio a luta por eleições diretas e aí a Cinelândia entrou definitivamente para o meu imaginário, como o lugar de onde seria deflagrada a mudança política do país. Pelo menos daquele pequeno país existente em minha cabeça. Um país imaginário, sem miséria, cheio de sonhos e liberdade. Continuei a freqüentar aquela velha e boa praça por mais uns bons anos, com alguns amores.

Hoje muita coisa mudou. Além do Amarelinho, tem o Verdinho, o Vermelho e seus pares. Vários cinemas desapareceram. Viraram igrejas, sei lá. O Tanagrá, campeão das batidas, também foi para o espaço. Mas o velho Carlitos continua a reger o sonho de muita gente

com um chope bem tirado e gelado. O ônibus que me levava de volta ao subúrbio também está lá. Mas quem se atreve a cruzar a Avenida Brasil em transporte coletivo, de madrugada? Verdaderamente muita coisa mudou.

Quando comecei a freqüentar a Cinelândia, meu pai e meus tios diziam que ela já não era mais a mesma. O Palácio Monroe, demolido em 1975, já não estava mais lá, é verdade. Mas o encanto permanecia. Ela hoje também não é mais igual a quando dava meus primeiros goles, longe da barra da saia da minha mãe. A violência aumentou, e o dinheiro continua escasso. Mas os teatros Rival e Dulcina estão lá, firmes e fortes.

Eu também mudei é verdade, como meus amigos também. A cidade inteira mudou. Mas ela sobrevive. A Cinelândia continua encantando. Basta dar uma passadinha por lá nas noites de sexta-feira. Gente nos bares, saindo do Municipal. Gente bem vestida e outras nem tanto. Gente, gente, gente. Muita coisa mudou, é verdade, mas o encanto permanece. A Cinelândia nunca mais deixará de ser a velha e boa Cinelândia.

AGENDA CULTURAL

1 Teatro Municipal

Inaugurado em 14 de julho de 1909, o Theatro Municipal é considerado a segunda principal casa de espetáculos da América do Sul.

A primeira é o Colón, de Buenos Aires.

Praça Marechal Floriano, s/nº

Tel.: 2220-3648



MNBA

2 Museu Nacional de Belas-Artes

Projetado por Adolfo Morales de Los Rios, o prédio renascentista, criado em 1937, foi inspirado na ala Visconti do Museu do Louvre, de Paris. Inicialmente, foi ocupado pela Escola Nacional de Belas-Artes.

Av. Rio Branco, 199

Tel.: 2240-0068

Funcionamento: de terça-feira a sexta-feira, das 10h às 18h, e sábados e domingos, das 14h às 18h.

Biblioteca Nacional

Oitava maior biblioteca do mundo e maior biblioteca da América Latina, o riquíssimo acervo da Biblioteca Nacional tem como origem

a Real Biblioteca, trazida por D. João VI durante a vinda da Corte de Portugal para o Brasil, em 1808. O acervo primitivo era composto de 60 mil peças, entre livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas.

Av. Rio Branco, 219 – Tel.: 2262-8255

Funcionamento: de segunda-feira a sexta-feira, das 9h às 22h, e sábados, das 9h às 15h.

4 Centro Cultural Justiça Federal

Também projetado por Adolfo Morales de Los Rios o prédio era para ser o Palácio Arquiepiscopal da cidade. Mas o clero preferiu se instalar na Glória, e a bela construção, inspirada numa igreja parisiense, acabou sendo utilizada

como sede do Superior Tribunal Federal, que lá permaneceu até a transferência da capital para Brasília, em 1960.

Avenida Rio Branco, 241

Tels.: 2510-8848/2510-8846

Funcionamento: de terça-feira a domingo, das 12h às 19h.



Palácio Pedro Ernesto

Conhecido como Gaiola de Ouro, o Palácio Pedro Ernesto, sede da Câmara de Vereadores da cidade do Rio de Janeiro, foi construído em 1922, no mesmo local onde ficava a antiga sede da câmara, incendiada na década de 10.

*Praça Floriano, s/nº
Tel.: 3814-2121*

Cine Odeon BR

Inaugurado em 3 de abril de 1926, o Odeon foi o último dos quatro primeiros cinemas do “Quarteirão Serrador”. O Cine Odeon tem duas salas de exibição, recentemente reformadas, graças a uma bem sucedida parceria.

*Praça Mahatma Gandhi, 2
Tel.: 2262-5089*

Cinema Palácio

Com duas salas de exposição, o Palácio, assim como o Odeon, é um dos poucos remanescentes do passado glorioso da Cinelândia.

*Rua do Passeio, 38/40
Tel.: 2529-4848*



Teatro Rival 8

Um dos principais centros de resistência cultural da cidade do Rio de Janeiro, o Teatro Rival foi inaugurado em 1934. Estima-se que a casa de espetáculos receba anualmente um público aproximado de 120.000 pessoas.

Rua Álvaro Alvim, 33 – Tel.: 2532-4192



Cordão da Bola Preta 9

Uma das mais tradicionais entidades carnavalescas da cidade, o Cordão da Bola Preta teve sua sede carinhosamente chamada de Quartel-General do Carnaval. Nas festividades de Momo, o Bola, como é conhecido, toma conta das ruas da cidade nas manhãs, arrastando uma multidão de fiéis foliões.

Av. Treze de Maio, 13/3º andar – Tel.: 2240-8049



câmara
de
cultura

Rua São José nº 90, 11º andar • Grupo 1.106 • Centro, RJ
CEP 20-010-020 • Tel.:(21) 2215-5515 • Fax.: (21) 2215-8689
cultura@camaradecultura.org